

A Integração Brasileira no Mundo Latino de Los Angeles

Bernadete Beserra
Universidade Federal do Ceará

GT Migrações Internacionais – ANPOCS
Petrópolis, 24-27 Outubro de 2000

Integração Brasileira no Mundo Latino de Los Angeles¹

Bernadete Beserra
Universidade Federal do Ceará

A população brasileira em Los Angeles é insignificante quando comparada, por exemplo, com o número de mexicanos residentes naquela cidade. De acordo com as estatísticas do censo americano de 1990, a proporção é de um brasileiro para duzentos e dezenove mexicanos. Considerando a população latino-americana, como um todo, isto é, do México, da maioria dos países do Caribe, de grande parte da América Central e de quase toda a América do Sul, a proporção diminui para um brasileiro para cada duzentos e noventa e nove latino-americanos.²

Talvez este seja o principal motivo de eu não ter encontrado qualquer referência aos brasileiros na literatura recente sobre populações imigrantes em Los Angeles. Por exemplo, Waldinger e Bozorgmehr, autores de *Ethnic Los Angeles*, mal mencionam os sul-americanos, já que estes representam apenas 12 por cento da população de origem “hispanica” em Los Angeles. Mas, mesmo quando mencionando sul-americanos, eles se referem apenas aos países colonizados pela Espanha. Em todo caso, os brasileiros representam menos de 10 por cento da população sul-americana nascida em Los Angeles.

¹ . As informações empíricas nas quais este artigo se baseia foram obtidas em pesquisa realizada entre brasileiros imigrantes na região metropolitana de Los Angeles, Califórnia, entre 1997 e 1999. O conjunto dos resultados dessa pesquisa estão apresentados na minha tese de doutorado, *Brazilians in Los Angeles: Imperialism, Immigration, and Social Class*, University of California, Riverside, June 2000.

² . O censo americano de 1990 apresenta os seguintes números de pessoas nascidas em outros países ou regiões da América Latina e residindo na região metropolitana de Los Angeles (condados de Los Angeles, Ventura, Orange, San Bernardino e Riverside). México 1,655.630; Caribe 60.039; América Central 439.586; América do Sul 115.697, e Brasil 7.558.

Outra razão para o não-aparecimento de brasileiros em estudos sobre imigrantes ou estudos étnicos é a ausência de uma comunidade brasileira geograficamente limitada. Provavelmente são estes os fatores por que os brasileiros se tornam invisíveis em meio ao imenso e diversificado mundo étnico de Los Angeles. De fato, no mosaico étnico de Los Angeles os brasileiros nada mais são do que mais um tipo de latino.³

A despeito das particularidades geográficas e culturais do Brasil na América do Sul, os brasileiros e os outros latino-americanos se transformam todos em “latinos” ou “hispanicos” quando chegam a Los Angeles. Os brasileiros, portanto, são latinos, e latino não é a melhor coisa para se ser nos Estados Unidos porque, como umas das brasileiras que eu entrevistei observou sabiamente, “latinos são como uma classe inferior para os americanos.” Isto é, de acordo com o que se aprende no dia-a-dia de Los Angeles, a categoria latino continua ligada à ideia de pobres e imigrantes.

O objetivo deste artigo é explorar os padrões da integração dos brasileiros imigrantes em Los Angeles através do estudo da transformação dos brasileiros em latinos. Nessa perspectiva, proponho que a combinação dos seguintes fatores estão na base do processo da integração dos brasileiros em Los Angeles:

1. A posição do Brasil na divisão internacional de trabalho e poder.
2. A posição relativa da população imigrante brasileira em relação a outras populações imigrantes.
3. Necessidades específicas do mercado cultural americano.
4. Classe social do imigrante no Brasil.

³ . Margolis (1994) assinala que também em New York, onde a população brasileira é bastante significativa, especialmente quando comparada à de Los Angeles, os brasileiros ainda permanecem invisíveis.

Os imigrantes brasileiros combinam esses fatores diferentemente e constroem suas novas identidades em função das particularidades de cada caso. Em geral, porém, a construção de uma identidade brasileira nos Estados Unidos, particularmente em Los Angeles, precisa ser compreendida no contexto mais amplo de uma identidade latino-americana, tal como esta tem sido reconstruída nesses tempos de globalização, em que os latino-americanos, em particular, e as populações do Terceiro Mundo em geral, se tem tornado o “outro” na política americana, tanto doméstica quanto internacional (Larrain 1994). É neste espaço ambíguo e complicado que a identidade brasileira flutua entre se distinguir de uma identidade latina ou se conformar a ela para se adaptar às diversas circunstâncias que requerem um ou o outro tipo de identificação.

Marta, uma brasileira que classifica a sua família como pertencente à classe média alta, fala sobre os aspectos que considera problemáticos na sua integração em Los Angeles:

Ah, isto é um parêntese que eu vou abrir pra você porque eu acho que talvez seja interessante, não sei... Como eu navego numa camada social de white-american, upper-middle class, a primeira impressão que eles têm, porque eu sou brasileira, latina, imigrante, tenho um sotaque etc e tal. Eles te olham meio assim... É uma coisa meio desvalorizada... Eu sinto isto. Quando eles vão falar alguma coisa que pode envolver o status socioeconômico eles têm até um certo cuidado porque essa pessoa, coitada, é latina. Eles sempre acham que você é pobre. Você deve ter alguma scholarship porque não é possível que você possa pagar 15 mil dólares por ano... Como você não carrega a tua casa nas costas, ninguém sabe aonde você mora, como você mora e com quem você mora. É impressionante como eles mudam quando eles vêm aqui em casa... A primeira pergunta que ele me faz é: o que seu marido faz, ele é americano? Como quem diz assim, a Latina deu um golpe do baú e casou com um velho rico. Meu marido é novo, graças a Deus, da minha idade, e é brasileiríssimo, entendeu?

Este trecho de entrevista exemplifica como as classificações produzidas pelos países colonizadores situam e valorizam as pessoas diferentemente, em função dos países

onde elas nascem. Apesar de a posição que o Brasil ocupa na divisão internacional do trabalho não impedir que alguns brasileiros se reposicionem em determinados espaços da sociedade americana, o fato de ser brasileiro de algum modo constrange os seus movimentos interferindo na sua integração, especialmente quando tal integração significa integração à sociedade americana branca.

Apesar de estar situada na classe média alta, de ter uma aparência européia e consumir à altura, Marta não pode se desvencilhar do seu sotaque, a marca que a conecta às suas raízes de colonizada. Mesmo numa posição evidentemente distinta ela ainda é confundida com a imagem do estereótipo. Proponho que, mais do que um erro, o que em geral seria produzido principalmente pela ignorância, esta é mais uma forma de disciplinamento, isto é, mais uma modo de produzir outras hierarquias sociais. Tais hierarquias são bastante úteis na reprodução da sociedade, tal como esta funciona, e também facilitam a discriminação nos períodos de crises (Stolcke 1993). É a própria Marta que chama a atenção para este fator, quando explica por que resolveu pedir a cidadania americana:

Eu decidi virar cidadã americana porque eu tenho dois filhos americanos, e as leis pra imigração estão mudando muito, mesmo que você tenha o seu green card – você sabe que o green card agora não é mais pra sempre – eles tão querendo tirar o social security, e você não vai mais ter direito. Meu marido já era cidadão, meus filhos... e sabe-se lá como eles vão mudar essas leis? Além disso, se eu escolhi este país pra morar, eu quero poder votar, que eu não tinha direito a voto. Então umas das razões era pra poder ter o exercício do voto, e segundo porque em função da imigração estar sendo tão avassaladora as leis estão ficando cada vez mais duras. E eu tenho medo de perder até o social security. Eles botaram os japoneses em campos de concentração, se lembra, na segunda guerra mundial? Então nunca se sabe...

Um dos problemas mais difíceis com que os brasileiros têm de lidar no seu processo de integração é o da sua transformação em latinos, no sentido que tal categoria é

entendida na Califórnia.⁴ Independentemente do seu status social no Brasil e posição pretendida ou efetiva em Los Angeles, os brasileiros em geral não gostam de ser incluídos na categoria latino. Não há dúvidas, porém, de que lidar com discriminação, sendo a dona de uma mansão em Bel-Air, é bastante diferente de topar com discriminação, sendo a empregada da mansão vizinha, já que as empregadas domésticas brasileiras raramente têm patrões brasileiros.⁵ Por exemplo, Telma, 46 anos, foi para Los Angeles em 1975 como empregada de funcionários do consulado brasileiro. Atualmente ela é uma cozinheira autônoma. Ela diz:

Agora, depois de todos esses anos, eu aprendi a ver o povo como os americanos vêem. Eu defino logo o que eles são. A raça. Não é que eu queira, eu nem gosto! Aqui os americanos sempre querem saber se é preto ou branco. Então, eu também comecei a definir as pessoas. Eu tenho até vergonha de dizer, e eu não acho que eu sou racista, mas eu não gosto que ninguém fale espanhol comigo. Porque eu não quero que as pessoas achem que eu sou mexicana, ou da Guatemala por que são umas raças que os americanos rebaixam... Eles são... Como é que eu posso falar? **Os latinos são como uma classe baixa para os americanos.** Não é que eu não queira ser isto, e eu fiz muita amizade com os latinos. Mas uma coisa que eu vejo é que a raça brasileira quando chega aqui, entre 10, 8 querem subir. Eles vão pra escola, eles aprendem inglês. E entre 10 latinos ninguém quer nada. Eles vêm pra cá e querem continuar vivendo no mundo que eles estavam vivendo lá. Por exemplo, agora não, mas quando eu estudava inglês eu tinha muita amizade com os latinos que eu encontrava nas escolas. Eu ia pra casa delas e era tudo muito simples, cafona. Era umas pessoas que só viviam naquele mundinho deles. Podendo ter umas coisinhas melhores aqui, eles traziam pra dentro das casas deles aquelas coisinhas cafonas dos países deles. É a minha maneira de ver, eu sei que eu tô errada, mas eu sempre quis crescer e na minha opinião eles não se libertam daquele mundinho deles. Eu acho que dava pra conseguir se eles quisessem. Eu conheci meninas que chegaram aqui atravessando as águas por aí e foram pra escola e cresceram, foram até pra UCLA e hoje em dia são formadas e tudo. Tem gente que quer e tem gente que não quer. Agora eu não vou condenar eles dizendo que eles tão tirando emprego de alguém. Eles não tão tirando emprego de

⁴ . Em muitos casos, os brasileiros também não gostam de revelar as suas identidades de brasileiros.

⁵ . De acordo com o que me foi explicado por várias empregadas domésticas que eu entrevistei, a principal razão por que as brasileiras evitam empregadores brasileiros em Los Angeles é porque eles não querem reproduzir lá o mesmo tipo de relacionamento comum nas relações entre empregados e empregadores no Brasil, as quais são muito hierárquicas e assimétricas. *Afinal, aqui todos nós somos latinos, né?*

ninguém, eles estão fazendo aquilo que americano não quer fazer. Eu trabalho como doméstica, neguinha, como cozinheira, e nessas casas de Beverly Hills, se tu vê uma branca trabalhando ela não é americana não. Ela é européia, ou latina. Se tu ver uma negra, não é americana, eu achava que era. Mas não é não. São pessoas das ilhas, Haiti, Honduras. Onde tem negros. E eu pensava que era americano, mas é muito raro você encontrar uma americana trabalhando de housekeeper, raríssimo. A maioria é a nossa raça, é a raça de latinos...

Em geral, os brasileiros explicam sua latinidade de um modo que os separe da imagem dominante de latinos na Califórnia. Eles raramente param para pensar sobre as razões pelas quais, nos Estados Unidos, a categoria latino tem um significado tão diferente daquele que tem no Brasil. Eles geralmente optam pelo caminho do racismo dominante, não enfrentando a própria latinidade, porque eles também acreditam que o Brasil, e conseqüentemente os brasileiros, são também um pouquinho superiores aos outros latinos. Noutras palavras, eles acreditam que eles também podem de algum modo se beneficiar da mesma política racista que os discrimina, e muitos deles certamente se beneficiam das inúmeras hierarquias de poder propostas e praticadas neste imperialismo global. Tal atitude apenas confirma que a posição política de uma nação no cenário do poder internacional é relativa e que o racismo, tal como a exploração, funciona hierarquicamente. Ou, como diz Balibar (1998:89), “num certo sentido, toda nação moderna é um produto da colonização: todas elas foram colonizadoras e colonizadas, e muitas vezes os dois simultaneamente.”

Em 1997, durante minha pesquisa de campo, eu conheci uma brasileira casada com um espanhol. Ela tinha aproximadamente 25 anos e estava estudando inglês na UCLA. Conversei com ela sobre a minha pesquisa e sobre o meu interesse em entender a forma como os brasileiros estão se integrando em Los Angeles. Ela, então, começou a falar da sua dificuldade de se aproximar dos americanos em geral, assim como de pessoas

de outras nacionalidades, tais como: indianos, árabes e japoneses, e outros asiáticos.⁶ Na sua experiência, o contato com os outros latinos tem sido bem mais fácil. Mas, logo em seguida, ela explicou que estava usando o termo latino com o mesmo sentido que ele tem no Brasil:

Quando eu digo latinos eu não me refiro apenas ao mexicanos como as pessoas aqui fazem... Quando eu digo latino eu estou me referindo a pessoas de Portugal, Espanha, França, Itália, e também, claro, pessoas dos países latino-americanos. Neste sentido, eu sou latina, mas eu não me sinto bem em ser uma latina no sentido daqui porque há muito preconceito contra latinos aqui, e depois, eu não acho que eu tenha nada a ver com o que eles esperam de uma latina...

Eu também já havia percebido que a conotação do termo “latino” nos Estados Unidos é bastante diferente da que ele tem no Brasil. De fato, é importante observar que, apesar de mais de duzentos anos de hegemonia anglo-saxônica e da sua política sistemática de desvalorização da identidade latina, latino no Brasil ainda tem uma acepção positiva. Ligada aos poderes coloniais hegemônicos anteriores, Portugal e Espanha, latino é tudo o que se refere ao mundo latino e suas consequências. Como um dos mais importantes elementos do caráter nacional brasileiro, a tradição ibero-latina é uma das nossas fontes de orgulho. É claro que é também fonte de vergonha, quando o que está em jogo são as comparações entre as posições geopolíticas do Brasil e dos Estados Unidos. Sem nenhuma consideração a fatos importantes relacionados à política imperialista global, o Brasil e os Estados Unidos são geralmente comparados como se todas as diferenças entre eles fossem apenas resultantes da adaptação de duas culturas

⁶ . Eu gostaria de chamar atenção para o fato de que trajetórias particulares levam brasileiros a se relacionar e se tornar amigos e/ou namorados de pessoas das mais diversas etnias. Por exemplo, enquanto na experiência de Raquel os árabes não têm lugar, eu conheci muitas brasileiras que não apenas se relacionam e namoram com árabes mas também os elegem como os seus pares favoritos. Aquelas com quem eu tenho conversado sobre este assunto explicam que se sentem fascinadas com as semelhanças entre árabes e brasileiros, especialmente em termos de sensualidade.

diferentes (a anglo-saxônica e a latina) a um novo ambiente – o Continente americano.

Nos Estados Unidos, diferentemente do Brasil, latino em geral se refere a imigração e estratificação social. Ou seja, o termo latino se refere a uma determinada identidade social como tem sido produzida na história americana. Neste caso, latinos são os imigrantes que vêm do México ou da maioria de países da América Latina e os seus descendentes nascidos nos Estados Unidos. Há, portanto, pouca semelhança com o significado que o termo tem no Brasil, já que aqui ele engloba todas as pessoas relacionadas com a cultura e a tradição latina, inclusive aquelas dos países europeus de tradição latina que colonizaram a América, ou seja, Portugal, Espanha e França. Nos Estados Unidos, a categoria latino está ligada a uma determinação econômica, Terceiro Mundo; a um destino histórico, imigração para os Estados Unidos, e também a uma destinação social, com status inferior.

Quando os brasileiros chegam lá, portanto, o que ocorre imediatamente é uma desvalorização geral, que sucede independentemente da classe à qual pertencem. Ou seja, embora diferentes redes de relações permitam variadas inserções na sociedade americana, todos os brasileiros lidam com algum tipo de discriminação ao longo de sua integração.

Mas as razões por que os brasileiros imigram, assim como as redes sociais a que eles estão ligados, contam tanto quanto as condições gerais que eles encontram em Los Angeles. Aqui não estou me referindo abstratamente a espaços e formas de poder que circulam entre as classes sociais ou grupos étnicos em Los Angeles, mas precisamente às diversas redes através das quais a imigração se processa.

Como Bourdieu (1987:4) argumenta, conexões e associação a grupos (redes sociais) são parte dos recursos que definem a posição de classe de uma pessoa. Isto

significa que redes sociais diferentes criam oportunidades também diversas para os indivíduos. Ou ainda, os contatos certos os levam para os lugares certos. Um brasileiro que pertença à classe trabalhadora, por exemplo, dificilmente emigraria para os Estados Unidos através de contatos com pessoas de classes altas, a não ser que tal mobilidade já estivesse se processando no Brasil. Vejamos, por exemplo, o caso dos trabalhadores domésticos servindo aos corpos diplomáticos brasileiros no Exterior. Embora cheguem ao países através das classes altas, eles têm uma posição bastante específica em tal rede de relações, que é uma posição subalterna, de empregado deles. Nos casos em que eles decidem permanecer nos Estados Unidos, dificilmente se estabelecem em torno dos grupos através dos quais eles imigraram, isto é, geralmente se articulam com outros brasileiros que tenham posição social semelhante e é através dessas novas relações, no caso, que eles finalmente se estabelecem em Los Angeles.

Descobrir, em muitos casos, que o mundo latino é o mundo que lhes está reservado nos Estados Unidos é um grande desapontamento para os brasileiros em geral. Omar, membro de uma igreja adventista de fala portuguesa na região metropolitana de Los Angeles, comenta o seguinte sobre os brasileiros a quem ele e sua esposa têm ajudado a se estabelecer em Los Angeles:

D – Eu não defendo educação bilingue... Mas eu acho que se você quer se misturar com a gente daqui você tem que aprender a língua do país, primeira coisa é aprender sobre a cultura do país. E não se isolar. Se misturar com eles, que é a maneira de aprender a cultura é misturando com a pessoa da cultura e aprender a língua também. Agora não podemos imaginar que somos melhores que outras raças que estão aqui, nós somos todos imigrantes, estamos todos numa panela, somos todos iguais aqui. Estamos todos num só fim, aprender alguma coisa, estudar alguma coisa. Temos que acabar com esse negócio de isolar e separar, sabe? Eu acho muito separatista a própria raça brasileira, ele chega aqui e ele implica de não querer aprender o espanhol, por que? Por causa do mexicano. “Eu não gosto do mexicano, não vou aprender o espanhol.” Oh Deus, isto é uma

ignorância! Chega aqui e já cria isso, “eu não gosto de mexicano, eu não vou aprender espanhol, oh língua danada. Eu não quero aprender essa língua, porque só mexicano é que fala, oh, como tem mexicano aqui!” Mas tem que ter, gente! Essa terra pertenceu a eles, eles eram os donos daqui antes do americano chegar aqui. Tem muito brasileiro que fala isso, que não gostam da Califórnia porque tem muito mexicano e que não gostam do som da língua espanhola por causa dos mexicanos, mas isso não tem nada a ver. Porque muita gente no mundo fala espanhol, não só o mexicano... Mas eu acho é que o problema é que quando o brasileiro sai do Brasil, você sai com uma visão dos Estados Unidos, como uma raça caucasiana, quando você entra aqui e você entra numa comunidade aonde você vai no supermercado a população maior é mexicano, você vai no trabalho é mexicano, você vai na universidade é mexicano. Então você diz, bom, eu saí do Brasil pra falar inglês, pra conhecer os americanos e até agora eu não vi americano!

Chamo a atenção para o que Omar disse sobre a forma como os brasileiros se relacionam com os mexicanos. Ele disse, “os brasileiros chegam *aqui* e já começam com “eu não gosto de mexicano,” o que significa, em princípio, que eles não levam tais idéias do Brasil. Eles aprendem *em Los Angeles* que há uma conexão entre latinos e status inferior.

É precisamente esta conexão com classes pobres, baixas, status inferior, o que faz com que os brasileiros tenham ser identificados como latinos. Noutras palavras, os brasileiros evitam ser identificados com latinos, não para salvaguardar a singularidade da cultura brasileira, mas por causa do significado anexado à identidade latina em Los Angeles. Wálter, 38 anos, explica:

Eu tinha um amigo americano, hispano... mas veja, eu só me relaciono com hispano que tem idéias americanas, aqueles que continuam com aquela mentalidadezinha eu não me relaciono. A cultura hispânica é diferente da americana, a cultura hispânica é segunda classe, é como a brasileira. O momento que você pega um pedaço de papel e joga no chão, isso aí é subcultura. O minuto que você anda na rua e tá tomando um guaraná e joga a lata no chão eu acho que isto é uma baixeza muito grande. O minuto que você não respeita a lei local isso pra mim é subcultura. Eu sempre procurei ter amigos cuja cultura seja um pouco melhor que a minha pra eu aprender com eles. Isso ajuda.

Parece que o fato de terem tido experiências positivas ou negativas com os mexicanos e/ou outros latinos é o que menos importa porque, toda vez que os brasileiros têm que emitir impressões sobre os latinos, eles são levados pelo mesmo racismo do discurso dominante, a não ser naqueles casos em que é vantajoso reivindicar a identidade latina. Durante o verão de 1998, eu conheci uma brasileira adventista que estava se mudando para New York. Ela estava lamentando a mudança porque ela sabia que iria sentir muita saudade da igreja adventista hispânica da qual ela participou por 8 anos. Ela disse:

Eu estou super-triste por ter que deixar essa igreja. Eu amo essa igreja hispânica porque eu nunca tive problema com ninguém. Com os mexicanos não é aquela fofoca toda que tem com os brasileiros. Eles só falam das coisas quando eles não conseguem esconder mais. E o brasileiro, já viu, se ele imaginou ele já tá falando. Os brasileiros *aqui* pensam que eles são superiores aos mexicanos. Eles dizem que odeiam o espanhol, que os mexicanos são ignorantes... Mas sabe duma coisa? Ignorância não tem nada a ver com país, com nacionalidade. Você encontra gente ignorante em todos os países do mundo.

Embora tenha tido uma experiência positiva com os mexicanos, acabou reproduzindo o discurso dominante, quando, falando sobre as vantagens de ir morar em New York, ela disse: “pelo menos NY não tem tanto imigrante como aqui. Quer dizer, pra dizer mesmo a verdade, não tem lugar como aqui, os mexicanos estão acabando com a Califórnia!”

Poderíamos também supor que esses discursos não são necessariamente produtos das ideologias dominantes nos Estados Unidos mas, ao contrário, deveriam ser relacionados, primeiro, com os sistemas classificatórios vigentes no Brasil. De fato, o imigrante geralmente processa a compreensão da nova cultura através dos olhos da sua própria cultura. Neste sentido, eles podem perfeitamente transferir velhos preconceitos

para novos atores, ou renovar os seus sistemas de classificação anteriores à luz dos sistemas de classificação com os quais eles se deparam na nova sociedade. Os brasileiros observam que as palavras “hispanico” e “latino,” as categorias sociais que os identificam, se referem principalmente a uma determinada posição social.⁷

Mas não imaginemos que o rótulo de latino apenas causa problemas aos brasileiros imigrantes. Na verdade, como Giménez (1992:13) argumenta,

Os latino-americanos como um todo se beneficiam se eles escolherem assumir seu lugar de minoria. Mas enquanto a legislação dos direitos civis e *affirmative action* são indiferentes à classe social, proteger todo mundo – dos camponeses analfabetos aos cientistas, profissionais, e os ricos – da discriminação em atividades econômicas, políticas e sociais beneficia principalmente as pessoas de status mais elevado. Os trabalhadores pobres que vêm da América Central ou do Sul provavelmente estão excessivamente representados em empregos indesejáveis e mal pagos. A *affirmative action* não aumenta as chances dessas pessoas encontrarem empregos. Consequentemente, é possível afirmar que embora todos os imigrantes latino-americanos estejam potencialmente sujeitos à rotulação e discriminação social, o racismo será provavelmente mais fortemente sentido entre os pobres, trabalhadores e/ou aqueles de ascendência não europeia. Aqueles com status socioeconômico alto e níveis de educação estão mais bem equipados para fazer o sistema funcionar a seu favor e proteger seus filhos do racismo de professores e colegas.

Ao argumento de Gimenez, acrescento que: carregar o termo “latino” com uma conotação pejorativa é uma necessidade do mercado internacional do trabalho, o qual, como enfatizei neste texto, se beneficia dessas desigualdades “naturais.” É necessário, porém, distinguir as diferentes funções e papéis que os variados latinos exercem na sociedade americana. Ou seja, embora todos os latinos sejam submetidos aos mesmos constrangimentos de uma política racista que os discrimina, alguns deles se beneficiam

⁷ . Idéias sobre como o imigrante processa a compreensão da nova sociedade tendo como referência os sistemas classificatórios da sociedade de onde veio são encontrados no trabalho clássico de W. Thomas e Florian Znanieck, *The Polish Peasant in Europe and America*.

quando no exercício de funções valorizadas pelo sistema, como Giménez explicou há pouco. É um erro, porém, esperar que um determinado grupo se beneficie igualmente das clivagens estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos, ou mesmo entre classes altas, médias e baixas. O que há é uma hierarquia de vantagens entre uma posição e outra e, no seu processo de integração na sociedade americana, os brasileiros estão constantemente negociando suas identidades de um modo que os beneficie. Portanto, embora muitos brasileiros se beneficiem da *affirmative action* e outras proteções para as minorias, quando se referem aos benefícios de ser latino em Los Angeles, estão também se referindo a outros tipos de benefícios. Sugerem que os brasileiros funcionam como uma espécie de ponte entre os americanos brancos e os outros latinos. Por conta desta possibilidade de funcionar como uma ponte entre dois mundos diferentes, muitos brasileiros têm sido convidados para cargos de gerência ou posições semelhantes em companhias onde todos os empregados ou a maioria são os latinos que falam espanhol. O trecho reproduzido a seguir, que é parte de uma conversa mais longa que tive com Ivan e Annie, um casal de brasileiros, ajuda a clarear minha proposição:

A – Eu me beneficiei porque eu trabalhava com artesanato com uma americana. Então eu não falava português o dia inteiro... mas eu aprendi a falar espanhol antes de falar inglês... mas enfim, no trabalho eu só falava inglês e espanhol. Então a minha experiência de vida aqui, tanto que isso é uma das coisas, eu aprendi espanhol, aprendi inglês. Eu tive acesso por várias horas no dia ao inglês. Eu pintava e ensinava. Era uma pequena fábrica na época. Então, primeiro eu aprendi e depois eu comecei a ensinar às mexicanas. Então eu era intermediária entre os empregados e a minha chefe.

B – A sua chefe era americana, branca?

I – Apartheid de escravas latinas, minha cara.

B – Como você convivia com esses dois grupos?

A – Por exemplo, a minha chefe não me tratava como tratava as mexicanas, mas eu sabia que eu era empregada também, apesar de ser uma funcionária que estava um pouco mais acima. Eu ganhava melhor do que elas. Meu salário era diferente do delas. O tratamento era diferente do delas, entendeu? Mas eu era intermediária entre esses dois mundos. A minha chefe não falava espanhol e nem elas falavam

inglês. Então eu era a ponte, no princípio. Acho que no primeiro ano eu fui a ponte entre esses dois mundos.

Encontrei exemplos semelhantes em outros espaços. O caso de um pastor adventista que conheci atuando numa igreja de fala portuguesa também é muito revelador: ele foi convidado pela congregação adventista para assumir a liderança de uma igreja hispânica porque representa o tipo de liderança de que eles precisavam no momento. A igreja que foi liderar congrega latinos de várias nacionalidades, inclusive brasileira, mas principalmente mexicana. Ele, o pastor, me explicou: “nós brasileiros somos vistos como os líderes ideais porque nós somos hispânicos, mas nós somos diferentes, entende? Nós nem somos tão de dentro, nem tão de fora, como os americanos... Então, muitas vezes essa nossa característica de ser parte e não ser ao mesmo tempo facilita a aceitação da nossa liderança.” Tudo indica que os brasileiros se beneficiam também do fato de não terem participado das circunstâncias históricas nas quais o preconceito atual contra os latinos foi produzido.

Com o objetivo de evitar o preconceito generalizado contra os latinos, os brasileiros procuram enfatizar os elementos que produzem a distinção entre eles e os outros latinos. Há muitos elementos que distinguem os brasileiros dos outros latino-americanos, mas os elementos mais comumente escolhidos são aqueles relacionados ao carnaval. Nesse sentido, eu argumento que, em Los Angeles, os brasileiros estão constantemente buscando algum lugar entre os estereótipos carnavalesco e latino. Os dois são problemáticos, porém o estereótipo carnavalesco parece ser mais maleável e mais vantajoso porque o referente no Brasil está muito distante para ser conferido.

...eu acho que os brasileiros se dão melhor na América do que a média dos latino-americanos por causa da atitude do brasileiro. O brasileiro, talvez fruto da sua

própria ignorância, é aquilo que ele é. E a gente, com todos os nossos defeitos, a gente não tem uma atitude submissa perante ninguém. O brasileiro médio, o brasileiro simples, não se acha menos do que ninguém. Ele acha que ele é brasileiro, pronto. E quando chega nas áreas que ele é bom então ninguém chega perto. Seja no futebol, samba, música, sexo, naquelas coisas que a gente acredita que é bom, na imagem positiva da gente. E a gente, brasileiro, o que é que a gente acredita que é o brasileiro? A gente acredita que todo brasileiro é bom de bola, todo brasileiro é bom de papo, todo brasileiro é bom de sexo, de música, de festa. Nós é o quente! Nós é os quindin de iaiá. O fato é que a gente sabe que isto não é verdade... Mas quais são as imagens que o mundo tem do Brasil? É que o Brasil é bom de bola, bom de samba, bom de foda, bom de tudo, entende? É exótico! E no fundo eles gostam porque eles não conhecem muito, eles não sabem muito a respeito. Então a gente não é colocado no mesmo barco... Sabe? Nesses países racistas... é até privilegiada a posição do Brasil porque a gente não é colocado junto com os outros latinos. Brasileiro é uma categoria à parte (Ivan, 45 anos, jornalista).

Será que os brasileiros realmente são uma categoria à parte? Eu acho que os brasileiros podem ou não ser tratados como uma categoria à parte, mas tudo depende de outros fatores, além dessa brasilidade abstrata sugerida por Ivan. Vejamos o trecho da entrevista seguinte:

Aqui [nos Estados Unidos] tudo tem muito a ver com aparência. Eles tratam o brasileiro, ou qualquer outro estrangeiro, em função da cor. Se é brasileiro e tem a pele mais clara eles te tratam de uma forma. Se é brasileiro e tem a pele mais escura, eles te tratam de outra forma. É sempre aparência. Eles acham bonitinho. Acham brasileiro interessante. Mas se o brasileiro tem uma pele mais escura eles já classificam junto com os outros hispânicos. Quando eles não são classificados como hispânicos eles têm o mesmo tratamento que o Europeu. Então eles acham o brasileiro interessante, fascinante, como acham o francês, o italiano (Paola, 37 anos, professora universitária).

Como cor é apenas um dos elementos que compõem a aparência, sou levada a crer que a identidade brasileira pode ser usada como um trunfo apenas quando combinada com outros elementos que permitem classificar o brasileiro numa posição social privilegiada na sociedade americana. João Cândido, 50 anos, mora em Los Angeles desde 1994 e tem trabalhado principalmente com serviços de limpeza. Ele explica:

Pelo fato de eu ser moreno e pelo fato de ser um imigrante eu sou classificado como latino, ou hispânico. Eu pessoalmente me relaciono bem com eles, os latinos, os mexicanos. A única coisa que eu vejo assim nos mexicanos é que eles não sabem se impor, a maioria que eles são! Porque se eles usassem da quantidade que eles tem aqui dentro eles mandariam neste país. No entanto eles trabalham de graça pra todo mundo aí e os outros perdem a oportunidade por causa deles. Você deixa de ganhar melhor aqui, você vive mal aqui por causa deles. Porque o americano nunca vai fazer o trabalho que a gente vai fazer. Quer ver? Tente negociar com um mexicano pra você ver. Você vai comprar um carro que ele tá pedindo mil dolares aí você diz, ah, não, meu dinheiro não dá. Ele diz, faz sua oferta, quanto você dá no carro? Ah não, não dá nem pra pensar. Mas diga, você diz 500 e acaba levando. A mesma coisa com o trabalho. Olha tem babysitter mexicana que cobra 1 ou 2 dólares por hora, entendeu? Então se um brasileiro quiser trabalhar de babysitter vai ter que encher a casa porque as pessoas já estão acostumados a pagar mal pros mexicanos.

Se a vida é muito mais fácil para aqueles brasileiros que podem provar que eles não são latinos, para os outros brasileiros, como no do caso acima, a vida é mais dura. Nestes casos, a cor da pele não importa tanto assim. Eu tenho conversado com muitos brasileiros “brancos” que trabalham com serviços domésticos ou tarefas semelhantes que se sentem tratados como latinos como qualquer mexicano que cabe no estereótipo do imigrante mexicano. Portanto, sou levada a concluir que o nosso “sotaque interessante, que soa como francês” só é contabilizado positivamente quando combinado com outros símbolos de status e distinção. Ou seja, nossa brasilidade será contada positivamente dependendo de que funções estejamos exercendo e onde.

Então, como argumentam Castles e Kosack (1973:2), o problema da discriminação racista contra imigrantes deve ser interpretado como relacionado principalmente à função que os imigrantes geralmente ocupam na estrutura socio-econômica. Ou seja, cor e etnia não podem ser consideradas como determinantes da posição social do imigrante porque tal posição já está determinada de antemão. Isto é, a imigração é motivada para suprir determinadas demandas de trabalho (Piore 1979). Neste

sentido, qualquer segmentação social, seja ela baseada em etnia, raça ou gênero, tem de ser entendida dentro dos limites das necessidades capitalistas que a produzem e mantêm com o propósito de justificar desigualdade e exploração (Bonacich 1973, Balibar and Wallerstein 1991, Stolcke 1993).

A percepção dos brasileiros como diferentes e/ou superiores aos outros latino-americanos motiva-os a insistir em batalhar por um lugar que supostamente é o mais apropriado para eles. Entretanto, apesar de em geral ratificarem o discurso racista dominante, muitos brasileiros têm consciência dos limites da sua mobilidade social na sociedade americana, especialmente quando tal mobilidade envolve qualquer interesse político. O trecho de entrevista seguinte exemplifica tal compreensão:

Eu não me sinto latina, assim na maneira. Claro que eu sou latina, porque sou da América Latina, mas eu não tenho nada da cultura latina, então eu não tenho nada da cultura espanhola ou mexicana, mas até explicar isso tudo pra eles, demora muito. Então eu falo que sou latina e pronto. Porque até explicar que eu sou do Brasil e que o Brasil foi colonizado por portugueses... Mas aqui você tem que ter um grupo senão você não consegue nada. Eu nunca precisei de grupo étnico pra nada, mas se eu quiser batalhar por alguma coisa eu vou ter que entrar no grupo dos latinos. Aqui só funciona assim. O brasileiro aqui é um número muito pequeno, nós não temos presença ainda. Então temos que nos unir com os latinos que falam espanhol.

De fato. Se um brasileiro quiser lutar por qualquer coisa no sul da Califórnia, pertença ele à classe alta, média ou baixa, tem que se juntar ao grupo dos latinos porque esta é a forma como o jogo político funciona.

Voltemos agora os quatro fatores que propus estarem na base do processo de integração do brasileiro à sociedade americana: 1. A posição do Brasil na divisão internacional de trabalho e poder. 2. A posição relativa da população imigrante brasileira em relação a outras populações imigrantes. 3. Necessidades específicas do mercado

cultural americano, e 4. Classe social do imigrante no Brasil.

Como vimos, a combinação desses quatro fatores produz diferentes possibilidades de integração em Los Angeles. Em geral, rico ou pobre, os imigrantes brasileiros em Los Angeles têm de estar constantemente negociando sua identidade de povo do Terceiro Mundo. As necessidades circunstanciais do mercado cultural americano podem excepcionalmente produzir uma mobilidade social que seria menos provável de acontecer no Brasil. Por exemplo, um brasileiro imigrante que venha de classes baixas no Brasil pode conseguir subir tanto econômica quanto socialmente pelo fato de possuir algum talento que esteja em alta no mercado do consumismo de exóticos de Los Angeles. A maneira como os brasileiros estabelecem conexões, formando ou não alianças com outras populações imigrantes também interfere bastante. Entretanto, sou levada a crer que é a posição de classe que o imigrante ocupa(va) no Brasil o que mais conta em termos da determinação do lugar que o imigrante brasileiro ocupará na sociedade americana.

Bibliography

- Balibar, Etienne and Immanuel Wallerstein
1991 *Race, Nation, Class – Ambiguous Identities*. London/New York: Verso
- Beserra, Bernadete
1998 Keeping the Flame: Brazilian Gauchos in Los Angeles. *Brazzil* 10 (156): 26-27.
1999 Move your Body! Brazilian Carnival Takes over the World. *Brazzil*. 10(158):19-24.
- Bonacich, Edna
1972 'A Theory of Ethnic Antagonism: The Split Labor Market,' *American Sociological Review* 37 (October): 547-559
- Bourdieu, Pierre.
1986 'The Forms of Capital' in *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York: Greenwood Press

- Castles, Stephen and Godula Kosack
 1985 *Immigrant Workers and Class Structure in Western Europe*. London. Oxford University Press.
- Gimenez, Martha
 1987 Minorities and the World-System: Theoretical and Political Implications of the Internationalization of Minorities. In *Racism, Sexism, and the World-System*. Joan Smith et al. (eds.). Westport: Greenwood Press.
 1992 U.S. Ethnic Politics: Implications for Latin Americans. *Latin American Perspectives*. 19(4): 7-17.
- Henfil
 1985 *Diário de um Cucaracha*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Larrain, Jorge
 1994 *Ideology and Cultural Identity - Modernity and the third World Presence*. Cambridge: Polity Press.
- Margolis, M.
 1994 *Little Brazil - An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Piore, Michael J.
 1979 *Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies*. New York: Cambridge University Press.
- Portes, Alejandro, and John Walton
 1981 *Labor, Class, and the International System*. New York: Academic Press
- Romero, M; P. Hondagneu-Sotelo, and Vilma Ortiz
 1997 *Challenging Fronteras - Structuring Latina and Latino lives in the U.S.* New York & London: Routledge.
- Stolcke, Verena
 1995 "New Boundaries, New Rhetorics of Exclusion in Europe." *Current Anthropology* 36(1):1-24.
 1993 Is Sex to Gender as Race is to Ethnicity? In *Gendered Anthropology*. Edited by Teresa del Valle, pp. 17-37. London: Routledge.
- Thomas, W. I and Florian Znanieck
 1984 *The Polish Peasant in Europe and America*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press
- Waldinger, Roger and Mehdi Bozorgmehr (ed)
 1990 *Ethnic Los Angeles*. New York: Russel Sage Foundation